
LIVRO II

* perante a <ân> sia de o escutarem, começou a discorrer 2.1
do seguinte modo CIP|ÃO:

Vou referir um dito do velho Catão¹³⁴, a quem, como sabeis, apreciei particularmente e por quem tive a máxima admiração. A ele, tanto por decisão de meus dois pais¹³⁵ como por desejo pessoal, me dediquei totalmente desde a adolescência¹³⁶. Das suas palavras eu nunca me saciava. Havia naquele homem uma enorme experiência da Coisa Pública, que em paz e na guerra dirigira com tanta perfeição quanta duração¹³⁷, moderação no discurso, um misto de beleza e gravidade, uma extrema preocupação em aprender e em ensinar, e um modo de vida inteiramente congruente com o seu discurso.

Costumava ele dizer que a forma da nossa constituição era superior às restantes constituições, pela seguinte razão: nestas, fora praticamente só um deles quem organizara o Estado com leis e instituições. Assim, o dos Cretenses, Minos; o dos Lacedemónios, Licurgo; o dos Atenienses, que com frequência sofrera transformações, sucessivamente Teseu, Drácon, Sólon,

Clístenes e muitos outros, até, finalmente, o douto varão Demétrio de Faleros o salvar, já exangue e prostrado¹⁵⁸. Porém, o nosso Estado fora organizado não pelo génio de um só, mas de muitos, e não em vida de um homem, mas em alguns séculos e gerações. Com efeito, dizia Catão que jamais tinha existido um génio tão grande ou alguém a quem nada escapasse; e que nem todos os génios reunidos num só a tanto poderiam prover, num momento determinado, que tudo pudessem abarcar sem a experiência das coisas e sem um certo amadurecimento.

2.3 Por esse motivo, tal como ele costumava fazer, também agora o meu discurso recordará a origem do povo Romano – e de bom grado estou mesmo a usar um termo de Catão¹⁵⁹. Mais facilmente, porém, eu satisfarei o nosso propósito se vos mostrar o nosso Estado a nascer, a crescer, adulto e já firme e robusto, do que se criar um para mim, como Sócrates em Platóo¹⁶⁰.

2.4 Como todos aprovaram, continuou (sc. CIPRIÃO): Que início de instituição de um Estado temos tão ilustre e de todos tão conhecido como o começo, lançado por Rómulo, da fundação desta urbe? Nascido de Marte – façamos esta concessão à voz corrente do povo, não só porque está particularmente arreigada, mas também porque foi sabiamente transmitida pelos antepassados a crença de que os benfeitores da comunidade também são de raça divina e não apenas de génio divino¹⁶¹ –, Rómulo, logo que nasceu, foi, segundo se diz, mandado expor junto do Tíbre, com seu irmão Remo, por Amúlio, rei Albano, no receio da desagregação do reino¹⁶². Aí, sustentado pelos

úberes de um animal selvagem, uns pastores o recolheram e o criaram nos costumes e trabalhos do campo¹⁶³. Conta-se que cresceu e que era tão superior aos restantes em força física e ferocidade de ânimo que todos os que então cultivavam os campos onde hoje fica esta urbe, de bom grado e de livre vontade lhe obedeciam¹⁶⁴. E, para passarmos de imediato da lã-bula aos factos, tendo-se apresentado como chefe às suas tropas, relata-se que subjugou Alba Longa, uma cidade forte e poderosa nessa época, e que matou o rei Amúlio.

2.5 Alcançada tal glória, diz-se que, depois de consultar os auspícios, decidiu fundar e tornar firme um Estado¹⁶⁵. Ora, para a urbe, escolheu um lugar com incrível felicidade – coisa que deve ser com a máxima diligência providenciada por quem procura implantar um Estado duradouro. E não a aproximou do mar – e era-lhe fáclimo, com a força militar e os recursos que possuía, fundar uma cidade avançando sobre o território dos Rúmulos ou dos Aborígenes, ou para a foz do Tíbre, lugar onde, muitos anos depois, o rei Anco estabeleceu uma colónia (sc. Óstia). Pois este varão, dotado de excelente visão do futuro¹⁶⁶, intuiu e percebeu que os locais junto do mar não são muito adequados para os que fundam cidades com esperança de perduração e de um império, antes de mais porque as cidades marítimas estão expostas a perigos não só variados mas até invisíveis.

2.6 É que a terra firme denuncia antecipadamente, com muitos indícios e como que por um fragor e por um ruído próprios, a aproximação de inimigos, tanto

os esperados como os inesperados. E nenhum inimigo consegue avançar rapidamente por terra sem conseguirmos saber não só que se aproxima, mas também quem é e donde vem. Porém, um inimigo marítimo ou embarcado consegue aproximar-se antes de alguém poder suspeitar que se aproxima. De facto, quando chega, diante de si não anuncia quem é, donde vem ou o que quer, enfim, por nenhum sinal se pode discernir e concluir se é pacífico ou hostil.

2.7

Por outro lado, as urbes marítimas têm também uma certa tendência para a corrupção e a mudança de costumes: elas são invadidas por novas línguas e doutrinas, há importação não apenas de mercadorias do estrangeiro, mas também de costumes, de modo que, nas instituições pátrias, nada consegue permanecer intacto¹⁶⁷. Além disso, os habitantes dessas urbes não se fixam na sua residência, pois são constantemente atraídos por esperanças e projectos volúveis para bastante longe de casa, e mesmo quando permanecem fisicamente, em seu ânimo, porém, ausentam-se e vagueiam. E, na verdade, nenhum outro motivo acabou por derrubar Cartago, há muito enfraquecida, e Corinto, mais do que este erro e dissolução dos cidadãos que, pela ambição de mercandear e navegar, haviam abandonado o cultivo dos campos e das armas¹⁶⁸.

2.8

De igual modo, do mar afluem a essas cidades numerosos e perniciosos incitamentos ao luxo, que ou são produtos de saque ou importações. Por outro lado, o seu próprio encanto encerra muitos convites para

paixões dispendiosas e ociosas¹⁶⁹. E o que disse de Corinto, não sei se o não poderia dizer com toda a justeza da totalidade da Grécia. De facto, quase todo o Peloponeso fica junto ao mar. Além dos Filásios, não há outros povos cujo território não confine com o mar e, fora do Peloponeso, só os Enanes, os Dórios e os Dólopes ficam longe do mar. Que dizem das ilhas gregas? Cercadas pelas vagas, elas próprias como que flutuam juntamente com as instituições e costumes das suas cidades.

2.9

O que acima referi diz respeito à Grécia antiga. Quanto às colónias instaladas pelos Gregos na Ásia, na Trácia, na Itália, na Sicília, na África, exceptuando o caso único da Magnésia, qual delas não é banhada pelas ondas? Assim, como que orlando o território dos Bárbaros, a costa como que parece pertencer à Grécia. Na verdade, de entre os Bárbaros, outrora nenhuns eram marítimos, excepto os Etruscos e os Púnicos, uns pelo comércio, os outros pelo laurocínio¹⁷⁰. E esta é a causa evidente dos males e transformações da Grécia, provocados pelos inconvenientes das cidades marítimas que há pouco abordei de forma muito rápida. Contudo, a par desses inconvenientes está a grande comodidade de, por mar, se poder trazer para a urbe que se habita o que por toda a parte se produz e, por outro lado, de se poder levar e exportar para as terras que se quiser, aquilo que os seus campos produzem.

2.10

Como podia Rómulo tirar as vantagens do mar e evitar os seus inconvenientes de forma mais divina do que situando a sua cidade na margem de um rio de águas perenes e iguais e que corria com largueza para o mar?¹⁷¹

Por aí poderia a urbe ou receber do mar o que necessitava ou exportar o que tinha em abundância e, através do mesmo rio, abastecer-se das coisas mais necessárias à subsistência e à cultura, recebendo não só as importadas do mar, mas também as transportadas por terra. Assim, parece-me que ele próprio já então adivinhava que esta cidade forneceria um dia a sede e a morada ao maior dos impérios; de facto, não poderia a urbe deter com mais facilidade tal poderio sobre as coisas se situada nalguma outra parte da Itália.

2.11

Quanto às defesas naturais da própria urbe, quem será tão distraído que não as tenha com seus olhos notado e inteiramente apreciado? A extensão e o traçado das suas muralhas são tais que, quando pela sabedoria de Rómulo e dos restantes reis foram delimitados com difíceis e escarpadas colinas por todos os lados, a única entrada, que ficava colocada entre o Esquilino e a colina do Quirinal, era cingida por um enorme e ameaçador baluarte e por um fosso muito profundo. Assim fortificada, a cidadela reluzia com o seu perímetro escarpado e como que cavado na rocha, a ponto de até na horrível calamidade da invasão dos Gauleses permanecer incólume e intacta¹⁷². E Rómulo escolheu um lugar abundante em fontes e salubre, embora numa região pestilenta. De facto, há colinas que, ao mesmo tempo que são arejadas, também lançam a sua sombra sobre os vales¹⁷³.

2.12

E concretizou isto com extrema rapidez. De facto, fundou uma urbe, a que, do seu nome, impôs o nome de Roma, e, para tornar firme a nova cidade, tomou uma deliberação nova e um tanto rústica, mas de um grande

homem e de quem já então antecipadamente tomava providências para aumentar os recursos do seu reino e do seu povo: mandou raptar as Virgens Sabinas nas cidades de boas famílias, que tinham vindo a Roma por ocasião dos jogos anuais que ele havia instituído para se celebrarem no circo, pela primeira vez, nas Consuárias, e ligou-as por matrimónio às famílias mais ricas¹⁷⁴.

2.13

Tendo os Sabinos declarado guerra aos Romanos por esse motivo e sendo a sorte do combate incerta e duvidosa, perante as súplicas das próprias matronas que haviam sido raptadas, Rómulo firmou uma aliança com Tio Tácio, rei dos Sabinos; com essa aliança recebeu os Sabinos na cidade, associando os ritos, e partilhou o seu reino com o rei deles¹⁷⁵.

2.14

Mas depois do desaparecimento de Tácio recaiu sobre ele (sc. Rómulo) todo o domínio. E embora, juntamente com Tácio, tivesse escolhido cidadãos de primeira para um conselho régio – os quais, pela sua afeição, foram chamados *patres* 'pais, senadores' – e tivesse dividido o povo em três tribos, a que deu o seu nome, o de Tácio e o de Lucumão¹⁷⁶, que morrera na luta contra os Sabinos como aliado de Rómulo, e em trinta cúrias – cúrias que designou pelo nome das virgens Sabinas que posteriormente haviam sido as suplicantes da paz e da aliança¹⁷⁷ –, embora estas decisões tivessem sido tomadas em vida de Tácio, contudo, depois da morte deste, Rómulo reinou ainda com muito mais apoio do conselho e da autoridade dos *patres* 'pais, senadores'.

2.15

Com tal decisão, antes de tudo Rómulo viu e decidiu o mesmo que Licurgo pouco antes tinha visto em

Esparta¹⁷⁸: que as cidades seriam melhor governadas e regidas sob o comando de um só e sob um poder régio se, à força dessa dominação, fosse associada a autoridade de algo óptimo (sc. aristocrático). Assim apoiado e munido com esse conselho e quase senado, não só fez muitas guerras com os vizinhos, com todo o sucesso, como ainda, ao não levar ele próprio para sua casa nenhuma parte do saque, jamais cessou de enriquecer os cidadãos.¹⁷⁹

Já então Rómulo observou afincadamente os auspícios, que ainda hoje respeitamos, para grande bem-estar do Estado. Na verdade, não só ele próprio – facto que constituiu o começo do Estado –, fundou a cidade depois de consultar os auspícios, como ainda, para a abertura de todos os actos públicos, cooperou áugures, um por tribo, para o assistirem nos auspícios¹⁸⁰. E determinou dividir a plebe em clientelas dos cidadãos de primeira¹⁸¹. Examinei mais tarde quanta utilidade isso teve. E era pela aplicação de uma multa em ovelhas e bois¹⁸² – pois a riqueza consistia então em pecuária e na posse de *loci* ‘terras’, daí as designações de *pecuniosi* ‘ricos em pecuária’ e *locupletes* ‘ricos em terras’ – que castigava, não pela violência e por suplicios.

E Rómulo, depois de reinar trinta e sete anos e criar estes dois egregios alicerces do Estado, os auspícios e o senado, tanto sucesso alcançou que, tendo deixado de ser visto por ocasião de um súbito eclipse do Sol, se acreditou que ele fora colocado no número dos deuses. Tal reputação, jamais mortal algum a poderia alcançar sem a exímia glória da sua virtude¹⁸³.

E isto deve ser tanto mais admirado em Rómulo quanto os restantes, que, segundo se diz, de homens foram transformados em deuses, viveram em séculos da humanidade menos instruídos, quando a razão era inclinada à ficção, por os ignorantes serem facilmente levados à credulidade. Pelo contrário, verificamos que a época de Rómulo, há uns seiscentos anos, já era doada de letras

e ciências bem arreigadas e estava enraizado aquele antigo erro, próprio de uma vida de homens sem cultura. De facto, se, como foi investigado pelos anais dos Gregos, Roma foi fundada no segundo ano da sétima Olimpíada¹⁸⁴, então a época de Rómulo cai no mesmo século em que a Grécia já estava repleta de poetas e de músicos e dava menos crédito às fábulas, excepto sobre coisas antigas. Ora a primeira Olimpíada, que alguns, por confusão de nomes, consideram fundada por esse mesmo Licurgo, foi fixada cento e oito anos depois que Licurgo determinou passar as leis a escrito¹⁸⁵. Além disso, os que vão por uma diferença mínima, falam Homero de quase trinta anos antes da época de Licurgo.

Daí poder entender-se que Homero viveu muitíssimos anos antes de Rómulo, dificilmente havendo ocasião para esses mesmos homens, já doutos, e esses tempos, já instruídos, criarem qualquer ficção. É verdade que a antiguidade acolheu fábulas, por vezes até <inventadas de forma rude. Mas esta época (sc. de Rómulo), já bem culta, desprezou com especial desdém tudo o que é impossível de acontecer>*

* se<u ne>to, como alguns afirm<ar>am, filho de uma filha sua¹⁸⁶. <Na verdade> ele mor<reu no mes>mo <a>no em que nas<ceu Si>móni<des>,<

na quin<qua>gésima <sex>ta impia<da> (sc. em 556). Isto <para> mais facilmente se po<der enten>der que [já] existia <então> a crença na imortalidade de Ró<mu>lo, quando já a vida humana estava arreigada e investigada e conhecida. Mas havia nele, realmente, tal força de génio e de

virtude que, em relação a Rómulo, foi dado crédito

a Próculo Juno, um homem do campo, num acontecimento em que, muitos séculos antes, ninguém acreditaria acerca de qualquer outro mortal. Por instigação dos *patres* 'patrícios, senadores' — para de si afastarem a aversão pelo desaparecimento de Rómulo —, segundo se conta, este Próculo afirmou numa assembleia que Rómulo lhe tinha aparecido na colina que agora se chama Quirinal e que lhe tinha pedido que propusesse ao povo que lhe fizessem um templo nessa colina, pois era um deus e chamava-se Quirino¹⁸⁷.

2.21
Estais, pois, a ver como, por deliberação de um único homem, não só nasceu um novo povo, mas até que ele não foi deixado no berço ainda com seus vagidos, mas já crescido e quase púbere?

Respondem LÉLIO:

É claro que estamos, e também te vemos lançado num debate com nova argumentação, que em nenhum livro grego se encontra! De facto, aquele príncipe (sc. da Academia, Platão) que, com seus livros, a todos foi superior, escolheu para si um espaço para aí construir uma cidade a seu gosto, uma cidade sem dúvida muito ilustre, mas da vida e dos costumes dos homens apartada.

2.22

Os restantes recorreram sobre os tipos e sobre as teorias das constituições sem qualquer exemplo definido e sem um modelo concreto de Estado¹⁸⁸. A mim, parece-me que estás fazer ambas as coisas. De facto, pela maneira como começaste, prefères atribuir a outros o que tu próprio aduzes, a fazer como faz o próprio Sócrates em Platão, inventar¹⁸⁹. F. acerca da localização da cidade, transformas em plano racional aquilo que por Rómulo foi feito por força do acaso ou da necessidade. E, no debate, não usas um discurso errante, mas fixo num único Estado. Por isso, continua como começaste. Pareço entrever já, na tua detalhada exposição sobre os restantes reis, um Estado quase perfeito.

2.23

Proseguia CIPRIÃO:

Portanto, quando esse senado de Rómulo — que era composto de *optimates* 'aristocratas' a quem o rei deu tais distinções que decidiu que fossem chamados *patres* 'pais, senadores' e os filhos *patricii* 'patrícios' —, tentou, depois do desaparecimento de Rómulo, ser ele próprio a reger o Estado, sem um rei, o povo não tolerou tal coisa e, saudosos de Rómulo, não cessou de reclamar um rei. Prudentemente, esses cidadãos de primeira inventaram então um plano novo e nunca ouvido entre as restantes nações — introduzir um interregno. Assim, até ser proclamado um rei em definitivo, nem a cidade ficava sem rei ou com um rei único por longo tempo, nem se incorria no perigo de alguém, com o poder enraizado, se tornar ou demasiado relutante em depor o poder ou demasiado forte para o manter.

2.24

Nesse preciso momento, apesar de novo, esse povo viu aquilo que tinha escapado ao Lacedemónio Licurgo quando este determinou que um rei não devia ser eleito — se é que tal decisão podia depender de Licurgo —, mas aceite, fosse ele quem fosse, desde que tivesse nascido da estirpe de Hércules. Ora estes nossos Romanos, apesar de então ainda nômicos,¹⁹⁰ viram que se devia procurar virtude e sabedoria reais, não a ilhagem.

2.25

E como corria a fama de que Numa Pompílio nelas era eminente, preteridos os seus concidadãos, por proposta dos *patres* 'pais, senadores', o próprio povo adoptou, para si, um rei vindo de fora e, a esse homem Sabino, chamou-o de Cures para Roma, para reinar. Logo que aqui chegou, e embora o povo o tivesse nomeado rei nos comícios das cúrias¹⁹¹, ele próprio propôs às cúrias uma lei sobre o seu poder¹⁹². E mal viu que os Romanos eram, por desígnio de Rómulo, fervorosos adeptos das artes militares, considerou que eles deviam ser ligeiramente afastados desse costume.

2.26

Assim, primeiro repartiu pelos cidadãos, por cabeça, as terras que Rómulo conquistara na guerra e ensinou que, sem razias e sem saque, cultivando os campos, eles podiam ter em abundância todas as comodidades, e instilou neles o amor ao ócio e à paz¹⁹³, com os quais muito facilmente se fortalecem a justiça e a confiança, com cujo patrocínio melhor se defende o cultivo dos campos e a colheita da sua produção. Da mesma maneira, depois de criar os auspícios maiores¹⁹⁴, Pompílio não só acrescentou dois áugures ao número primitivo como pôs à frente dos

cultos cinco pontífices escolhidos entre os cidadãos de primeira. Com o estabelecimento destas leis, que conservamos em monumentos¹⁹⁵, mitigou com cerimónias religiosas os ânimos inflamados pelo costume e pela ânsia de guerrear. E acrescentou-lhes ainda os Flâmines, os Sállos e as Virgens Vestais, e organizou todos os aspectos da religião com a máxima reverência¹⁹⁶.

2.27

Mas, quanto aos rituais em si, quis que a observância fosse difícil, o aparato muito fácil. De facto, estabeleceu muitas coisas, umas para serem bem sabidas, outras bem executadas, mas todas sem despesa. Assim, aumentou a complexidade das práticas religiosas, mas eliminou os gastos. E também criou os mercados, os festivais e todas as ocasiões para reunião e celebrações. Com tais instituições, reencarninhou para a humanidade e para a brandura os ânimos de homens já tornados desumanos e ferozes devido às artes de guerrear. Assim, tendo reinado trinta e nove anos em máxima paz e concórdia — e sigamos de preferência o nosso excelente Políbio, cuja diligência na investigação das datas ninguém ultrapassou —, Numa despediu-se da vida com duas coisas absolutamente eficazes para a perduração de um Estado, a religião e a clemência¹⁹⁷.

Depois de Cipião dizer isto, interveio MANÍLIO:

2.28

Será verdade, ó Africano, o que foi transmitido até à nossa memória — que este rei Numa foi discípulo do próprio Pitágoras ou pelo menos pitagórico? É o que frequentemente ouvimos da boca dos mais velhos e aperebemo-nos de que é assim que o vulgo

pensa! Mas o certo é que não vemos que isso esteja suficientemente demonstrado pela autoridade dos Anais Públicos!

Respondou CIPRIÃO:

É que é completamente falso, Manílio, e não é só inventado, é mesmo inventado de forma inábil e absurda! E, em suma, não se devem tolerar mentiras que claramente vemos que não só são inventadas, mas que nem sequer poderiam ter acontecido! Pois se está provado que Pitágoras chegou a Sibaris e a Crotona e a essas regiões (sc. do Sul) da Itália quando Lúcio Tarquínio o Soberbo já ia no quarto ano de reinado! De facto, a sexagésima segunda Olimpíada assinala simultaneamente o início do reinado do Soberbo e a vinda de Pitágoras!

2.29

Daí se pode concluir, contando os anos de realeza, que Pitágoras tocou pela primeira vez a Itália cerca de cento e quarenta anos depois da morte de Numa. E isto jamais foi posto em dúvida por aqueles que, com a máxima diligência, compuseram os anais desses tempos!¹⁹⁸

Exclamou MANÍLIO:

Deuses imortais! Quão grande e quão arreigado está esse erro entre os homens! Por outro lado, sinto-me aliviado por não termos sido educados com artes ultramarinhas ou importadas, mas com virtudes genuínas e domésticas!

2.30 Respondou o AFRICANO:

E entretanto com muito mais alívio isso reconhecerás

se olhares para o nosso Estado a progredir e a chegar, como que por um caminho e um percurso naturais, à sua melhor condição. Concluirás ainda que se deve louvar a sabedoria dos nossos antepassados exactamente pelo facto de, como irás compreender, muitas das coisas de outros recebidas, entre nós se tornarem melhores do que tinham sido no sítio donde haviam para aqui sido trazidas e onde primeiramente haviam surgido. E compreenderás que não foi fortuitamente que o povo Romano se afirmou, mas pelo discernimento e pela disciplina, apesar de a fortuna lhe não ser adversa!¹⁹⁹

Morto o rei Pompílio, sob proposta do inter-rei, o povo

2.31

elegeu Tulo Hostílio como rei nos comícios das cúrias e este, a exemplo de Pompílio, consultou o povo, por cúrias, acerca do seu poder. Foi excelsa a sua glória na área militar e dele sobressaem grandes feitos guerreiros. Também construiu e cingiu com uma cerca o Comício e a Cúria²⁰⁰, graças ao produto do saque, e fundou o direito pelo qual as guerras seriam declaradas, invenção por si mesma justíssima, que ele sancionou com o rito fecial: assim, qualquer guerra que não fosse anunciada e declarada, era considerada injusta e impia²⁰¹. E para que em vosso espírito noteis quão sabiamente já os nossos reis perceberam que algo devia ser atribuído ao povo — e muitas coisas por nós há-de ser ditas a esse propósito —, Tulo não ousou sequer usar as insígnias reais senão por ordem do povo. De facto, para lhe ser permitido fazer-se preceder de doze lictores com seus fasces²⁰² *

2.32

Ora, acerca de Túllo Hostílio, que foi o terceiro rei a contar de Rómulo, também ele atingido por um raio, diz o mesmo Cícero, nesses mesmos livros, que ele não foi igualmente considerado recebido entre os deuses, com tal morte, pelo facto de os Romanos provavelmente não quereem tornar trivial, ou seja sem valor, se também fosse facilmente atribuído a outrem aquilo que, no caso de Rómulo, estava provado, ou seja, era objecto de crença (Santo Agostinho, A Cidade de Deus, 3.15).

2.34

Mas nesse momento pela primeira vez a nossa cidade parece ter-se tornado mais douta graças a conhecimentos transplantados²⁰⁴. Efectivamente, correu da Grécia para esta urbe, não um ténue riacho, mas o caudaloso rio daquelas suas disciplinas e artes. Na realidade, conta-se que havia um certo Demarato de Corinto, de longe o primeiro da sua cidade em honra, autoridade e riqueza. Pois ele, não podendo suportar o tirano dos Coríntios, Cípselo²⁰⁵, segundo se diz, exilou-se com os seus grandes cabedais e transferiu-se para Tarquínios, a cidade mais florescente da Etrúria. E ao ouvir que a dominação de Cípselo se consolidava, este homem livre e forte renegou a sua pátria e foi adoptado como cidadão pelos Tarquínios e desta cidade fez seu domicílio e morada. Aqui, tendo dois filhos de uma matrona de Tarquínios, instruiu-os em todas as artes, de acordo com a educação dos Gregos *

2.33 (LÉLIO?):

* no começo da tua exposição, o nosso Estado < não > rasteja, voa para a sua melhor condição.

(CÍPIÃO):

Depois dele (sc. de Tulo Hostílio), um neto de Numa Pompílio, de uma filha sua, Anco Márcio, foi feito rei pelo povo e também ele propôs às cúrias uma lei sobre o seu poder. E após ter derrotado os Latinos em guerra, aceitou-os na cidade. Também incorporou na urbe o Aventino e o Monte Célio, distribuiu os territórios que conquistara e transformou em propriedade pública todas as florestas costeiras que conquistara e fundou uma cidade na foz do Tibre, que fortaleceu com colonos²⁰⁶. Morreu depois de reinar vinte e três anos.

Então LÉLIO:

Também este rei merece ser louvado. Mas a história romana é obscura, pois se temos a mãe deste rei, desconhecemos o pai!

Respondeu (CÍPIÃO):

Assim é! Mas, desses tempos, quase só os nomes dos reis foram tornados célebres.

[Falta o folio sexto do caderno XVII]

(CÍPIÃO):

* facilmente recebido na cidade, graças à sua humanidade e ciência, tornou-se íntimo do rei Anco, a ponto de ser considerado participante em todas as deliberações e quase associado à realeza. Além disso, havia nele uma grande afabilidade e também uma enorme facilidade de assistência, auxílio, protecção e liberalidade para com todos os cidadãos. Em consequência, morto Márcio, com todos os sufrágios do povo, foi eleito rei Lúcio Tarquínio. É que ele de tal modo afastara o seu nome do nome grego que em tudo parecia imitar o costume deste nosso povo²⁰⁶. E, logo que propôs a lei sobre o seu poder, primeiramente duplicou o primitivo

2.35

número de *patres* 'pais, senadores' e aos mais antigos chamou *patres* de '*gentes* maiores', aos quais pedia parecer em primeiro lugar; aos por ele adscritos, chamou-lhes *patres* de '*gentes* menores'²⁰⁷.

2.36

De seguida, organizou a cavalaria nos moldes que até agora conserva. Mas não conseguiu mudar as designa-

ções de Tícienses e Ramnenses e Lúceres²⁰⁸, apesar de o desejar, porque Ato Návio, um áugure de suma glória, lhe não deu o apoio da sua autoridade. E também verifico que outrora os Coríntios, para a atribuição de cavaleiros públicos e sua alimentação, diligenciaram a tributação de órfãos e viúvas. Contudo, ao acrescentar outros tantos cavaleiros aos anteriores, Tarquínio pertez 1.800 cavaleiros e assim duplicou o seu número²⁰⁹. Depois, por meio da guerra, submeteu a grande e feroz nação dos Équos, a qual ameaçava os interesses do povo Romano. Do mesmo modo, tendo repellido os Sabinos das muralhas da urbe, dispersou-os com a cavalaria e venceu-os nessa guerra. Também nos foi transmitido que foi ele o primeiro a fazer os Jogos Máximos, que são chamados Romanos²¹⁰, e que, em guerra contra os Sabinos, a meio do próprio combate, prometeu construir um templo no Capitólio dedicado a Júpiter Ópimo Máximo. Morreu depois de reinar trinta e oito anos²¹¹.

2.37 Então LÉLIO:

Torna-se agora mais claro aquele dito de Catão: que a constituição do <nosso> Estado não foi obra de um só tempo ou de um só homem. É, de facto, evidente quando grande se torna o acréscimo de coisas boas e úteis, por cada rei.²¹² Mas segue-se aquele que, de todos, segundo me parece, mais visão teve no Estado.

Atalhou CÍPLÃO:

Assim é. Depois dele (*sc.* de Tarquínio), Sérvio Túlio foi o primeiro, segundo consta, a reinar sem mandato do povo. Dele se diz que nasceu de uma escrava Tarquiniense, fruto de uma relação com um cliente do rei. E como ele, criado com os outros domésticos, prestava serviço nos banquetes do rei, não passou despercebida a centelha de génio que já em criança nele brilhava, tão hábil era em qualquer função ou conversa²¹³. Por isso, Tarquínio, que tinha filhos ainda bastante pequenos, de tal modo apreciava Sérvio que o vulgo o tinha por seu filho. E educou-o com todo o empenho em todas as artes que, segundo o requintado hábito dos Gregos, ele próprio tinha aprendido.

2.38

Ora, tendo Tarquínio sucumbido numa cilada dos filhos de Anco, Sérvio começou a reinar, não por um mandato, como atrás referi, mas pela vontade e com o consentimento dos cidadãos²¹⁴. É que, falsamente se dizendo que Tarquínio estava convalescente de um ferimento mas que estava vivo, Sérvio, administrando o direito com aparato régio, liberando os insolventes com o seu próprio dinheiro, usando de grande afluência para garantir que administrava a justiça por ordem de Tarquínio, não se confiou aos *patres* 'pais, senadores'; pelo contrário, sepultado Tarquínio, ele próprio consultou o povo acerca da sua pessoa e, mandado para reinar, propôs às cúrias uma lei sobre o seu poder²¹⁵. Para começar, vingou com a guerra as injúrias dos Etruscos. Dessa guerra, com gran *

2.39 (CIPião):

* dezoito (sc. centúrias) com o censo máximo²¹⁶. Depois, separando esse grande número de cavaleiros da totalidade do povo, distribuiu o restante povo em cinco classes e distinguiu os seniores dos juniores. Repartiu-as de tal modo que os votos não residiam no poder da multidão, mas no dos ricos, e zelou pelo princípio que

sempre deve ser mantido num Estado — que os mais numerosos não valham mais²¹⁷. Se esta divisão vos fosse desconhecida, eu teria de a explicar. Mas vós sabeis que actualmente a contagem é de tal natureza que as centúrias de cavaleiros com os seis votos e a primeira classe, adicionando a centúria que, para suprema utilidade da urbe, foi reservada para os operários da construção, perfazem oitenta e nove centúrias²¹⁸. Basta que a estas se acrescentem oito das cento e quatro centúrias restantes — quantas elas são —, e está alcançada uma total capacidade de decisão do povo²¹⁹. Assim, a restante multidão das noventa e seis centúrias, muito mais numerosa, nem era excluída do direito de voto, o que seria soberba, nem valia demasiado, o que seria um perigo.

2.40

Nessa questão, até nas próprias palavras e designações foi diligente. Tendo chamado aos ricos *assidui*, por terem de dar (sc. pagar em) asses²²⁰, aos que ou não tinham mais de mil e quinhentos asses ou não traziam absolutamente nada para o seu censo para além da sua cabeça²²¹, deu-lhes o nome de *proletarii* 'proletários', para que se visse que deles como que se esperava *proles* 'prole', isto é, como que a progénie da cidade. Ora, nessa altura, só numa dessas noventa e seis centúrias havia mais recenseados do que em quase toda a primeira classe. Assim, ninguém era privado do di-

reito de voto, e, no voto, valia mais aquele que mais interesse tinha em que a cidade estivesse na melhor condição. E até aos supranumerários, sem armas²²², coneteiros, proletários *

[Faltam os folios sexto e sétimo do caderno XVIII]

2.41 Reconheço que está excelentemente organizado o

Estado que, numa comedida fusão daqueles três tipos — real e aristocrático e popular — ao punir, não exacta uma alma selvagem e feroz. (*Nônio*, p. 342, 29).

(CIPião):

2.42

* sessenta anos mais antiga (sc. do que Roma)²²³, pois fora fundada (sc. Cartago) 39 anos antes da primeira Olimpíada. E aquele antiquíssimo Licurgo viu quase a mesma coisa. Assim, esta equabilidade e este triplicado tipo de constituições parecem-me ter sido comuns a nós e a esses povos. Mas aquilo que é próprio do nosso Estado, e nenhum consegue ser mais notável do que ele, eu vou aprofundá-lo, se puder, com mais subtilidade. E fá-lo-ei de tal modo que nada de semelhante se encontrará em outro qualquer Estado. É que esses tipos de constituição que tenho vindo a expor, foram, nesta nossa cidade e na dos Lacedemónios e na dos Cartagineses, misturados de uma maneira que de modo algum os tornou temperados²²⁴.

2.43

Com efeito, no Estado onde existe um só indivíduo com poder perpétuo, sobretudo régio, mesmo que nele exista também um senado, como existiu em Roma quando havia reis, ou em Esparta, com as leis de Licurgo, e ainda que também exista algum direito

para o povo, como existiu com os nossos reis, contudo sobressai esse nome de rei e não pode tal Estado deixar de ser e de chamar-se reino. Esta forma de constituição é, porém, extremamente mutável, pela seguinte razão: porque, por vício de um só, muito facilmente decai, precipitando-se numa ruína completa. Em si, o tipo real de constituição não só não pode censurar-se

como até nem sei se, no caso de ter de recomendar um tipo simples de constituição, não devia antepor-se aos restantes simples. Mas isso só enquanto mantiver a sua condição. Ora a sua condição é tal que a salvação e a equabilidade e o ócio dos cidadãos são regidos pelo poder perpétuo, pela justiça e pela sabedoria de um só. Mas a esse povo que está submetido a um rei, faltam em absoluto muitas coisas, e antes de mais a liberdade, que não reside em termos um senhor justo, mas em não termos nenhum²²⁵ *

[Falta o fólio segundo do caderno XIX]

2.44 (C|P|IÃO):

suportavam. Com efeito, a fortuna secundou favoravelmente nos seus feitos, por algum tempo, esse senhor injusto e cruel. Pois não só derrotou todo o Lácio na guerra, como ainda conquistou Suessa Pomécia, urbe opulenta e farta, e, enriquecido com um enorme saque de ouro e prata, cumpriu o voto de seu pai com a edificação do Capitólio²²⁶. Também fundou colónias e, de acordo com as práticas daqueles de quem tinha nascido, enviou a Delfos, para Apolo, donativos mágicos, como que as primícias do saque²²⁷.

to natural e em círculo tendes de aprender a reconhecer desde o princípio. De facto, o cume da ciência política, sobre a qual versa todo o nosso discurso, consiste em perceber os percursos e as inflexões dos acontecimentos políticos, para que, sabendo para onde a situação se inclina, possais sustê-la ou acudir-lhe com antecedência²²⁸. Pois esse rei de que estou a falar, antes de mais

não tinha a consciência tranquila, manchado como estava pelo assassinio de um óptimo rei (sc. de Sérvio Túlio), e, temendo ele próprio a pena capital pelo seu crime, queria ser temido. Depois, fiado nas suas vitórias e riquezas, exultava de insolência e não conseguia reger os seus costumes nem a devassidão dos seus²²⁹.

Assim, tendo o seu filho mais velho violado Lucrecia,

2.46

filha de Tricipitino, esposa de Colatino, e tendo-se essa mulher pudica e nobre, por causa da ofensa, a si própria com a morte castigado, então um homem eminente pelo génio e pela virtude, Lúcio Bruto, alçou dos seus concidadãos aquele jugo injusto de uma dura servidão²³⁰. E, apesar de mero particular, amparou todo o Estado e, pela primeira vez nesta cidade, ensinou que, quando se traia de conservar a liberdade dos cidadãos, não há mais particulares²³¹. Mobilizada sob a autoridade deste cidadão de primeira, pela recente acusação do pai e dos familiares de Lucrecia e pela recordação da soberba de Tarquínio e de muitas ofensas suas e dos seus filhos, a cidade condenou ao exílio o próprio rei, os seus descendentes e toda a raça dos Tarquínios.

2.45 É então que começa a girar aquela roda cujo movimen-

2.47 Estaíais, pois, a ver como de um rei despontou um senhor e como, pelo vício de um só, esse tipo de constituição se converteu, de bom, em detestável? Este é, de

facto, aquele senhor do povo a que os Gregos chamam tirano por entenderem que rei é aquele que, como um progenitor²³², cuida do povo e conserva na melhor condição de vida possível aqueles à frente dos quais foi colocado. Seguramente um bom tipo de constituição, mas inclinado e como que propenso a uma forma extremamente pernicioso.

(C/PI/ÃO):

2.50

* na <La>cedemônia, ele (sc. Licurgo) deu-lhes um nome, a bastante poucos, exactamente 28, e quis que nas mãos deles estivesse o órgão máximo de deliberação, sendo o rei o órgão máximo de poder²³⁴. A partir daí, os nossos também isso perfilharam e imitaram, e aos que ele chamou *senes* 'anciãos', deram o nome

2.48

De facto, logo que um tal rei inflecte para um pre-domínio demasiado injusto, de contínuo se torna tirano. E não se pode imaginar animal mais terrível, nem mais hediondo, nem mais odioso para deuses e homens! Embora tenha figura humana, contudo, pela selvajaria dos seus costumes, ele vence as maiores feras! Alguém classificaria ajustadamente como homem quem não quer nenhuma comunidade de direito, nenhuma relação de humanidade entre si e os seus concidadãos e, enfim, toda a raça humana? Mas temos outra ocasião mais apta para falar acerca deste tipo (sc. de constituição) quando o próprio assunto pedir que falemos contra aqueles que, mesmo com a cidade já liberta, aspiraram à dominação.

2.49

Aqui tendes, pois, a origem primeira de um tirano. De facto, os Gregos quiseram que fosse este o nome de um rei injusto; os nossos, porém, ganharam o hábito de chamar reis a todos os que, sozinhos, tivessem um poder perpétuo sobre os povos. Assim, de Espúrio Cássio e de Marco Mânlio e de Espúrio Mélio se diz que quiseram assumir a realeza, e ainda recentemente²³³ *

[Falta o folio sétimo do caderno XIX]

de senado, tal como já Rómulo tinha feito depois de escolher os *pares* 'pais, senadores', conforme dissemos²³⁵. Todavia, o que se distingue e sobressai é a força, o poder e o próprio nome de rei. Se se repartir também pelo povo algum poder, como fizeram tanto Licurgo como Rómulo, ele não se saciará de liberdade, antes se acenderá nele a ânsia da liberdade, ainda que somente se lhe dê a possibilidade de lhe tomar o gosto. E haverá sempre aquele receio de o rei, como geralmente sucede, se revelar injusto. É, pois, frágil a fortuna de um povo que, como antes disse, está dependente da vontade e dos costumes de um só.

2.51

Portanto, para nós, é neste Estado que Rómulo fundou depois de tomar os auspícios que se encontra esta forma e espécie e origem do tirano²³⁶, não naquele que o próprio Sócrates para si mesmo traçou e Platão registou naquele seu diálogo perfeito, capaz, sem assumir um novo poder, mas usando injustamente o que detinha, como Tarquínio, de subverter por completo este tipo de constituição régia.

A este indivíduo seja contraposto um outro, bom e sábio e perito na utilidade e na dignidade civil, como que um tutor e procurador do Estado — seja assim chamado quem for regeedor e governador da cidade. A esse varão, procurai identificá-lo; de facto, é ele que,

com o seu conselho e acção, pode tutelar a cidade. E uma vez que esta nomenclatura foi até agora pouco utilizada na nossa conversa e que muito mais vezes por nós vai ser tratado esse tipo de homem no discurso que resta *

[Faltam seis fólhos interiores do caderno XX]

2.52 (CIP|ÃO):

* investigou as <cau>sas e construiu uma cidade, mais objecto de desejo do que de esperança, o mais pequena que pôde²³⁷, não para se concretizar, mas para nela se poder ver a lógica dos acontecimentos políticos. Eu, porém, se acaso o conseguir, com as mesmas razões que ele observou, mostrá-la-ei não na sombra e na ficção de uma cidade, mas num Estado muito importante, como que parecendo apontar com uma varinha as causas de todo o bem e de todo o mal públicos²³⁸. Passados, pois, esses duzentos e quarenta anos de realza, até um pouco mais com os interregnos, e expulso Tarquínio, o povo Romano ficou com tanto ódio ao nome de rei como com saudade ficara de Rómulo depois do seu óbito, ou melhor, da sua partida. E tal como não pudera, então, passar sem rei, assim também, expulso Tarquínio, não podia ouvir o nome de rei²³⁹. Este, tendo a possibilidade de *

[Falta o caderno XXI]

2.53

E assim se manteve firme aquela preclara constituição de Rómulo durante quase duzentos e quarenta anos. (*Nónio*, p. 526, 10).

[Daí a razão pela qual, não suportando uma dominação real, se doblaram de imperia 'magistraturas' anuais e de dois imperatores 'governantes', que, de consulendo 'dar conselho', foram chamados consules 'cónsules', e não reges 'reis' ou domini 'dominadores, donos, senhores', de regnando 'reinar' e dominando 'dominar, ser senhor de'. (Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, 5, 12)²⁴⁰

(CIP|ÃO):

* essa lei foi inteiramente revogada. Com tal disposição, os nossos antepassados expulsaram então tanto Colatino, inocente mas suspeito por causa do seu parentesco, como os restantes Tarquínios, pela ofensa inerente ao seu nome²⁴¹. E com a mesma disposição, Públio Valério mandou baixar os fasces, pela primeira vez, quando começou a discursar numa assembleia, e transferiu a sua morada para a parte mais baixa da colina Vêlia depois de perceber que se levantavam suspeições entre o povo pelo facto de ter começado a construir na parte mais alta da Vêlia, no exacto local onde o rei Túlio tinha habitado²⁴². Esse mesmo Valério, e nisso foi extremamente *Publicola* 'cultor da simpatia pública ou popular', propôs ao povo aquele que foi o primeiro projecto de lei apresentado nos comícios das centúrias — que nenhum magistrado faria executar ou acoiunar um cidadão Romano sem respeitar o direito de apelo²⁴³.

2.54

Que também havia direito de apelo das condenações feitas pelos reis, é o que afirmam os Livros dos Pontífices e o mesmo dão a entender os nossos Livros dos Ângures²⁴⁴. De igual modo, as Doze Tábuas indicam, em várias leis, que é lícito apelar de qualquer

juízo e condenação²⁴⁵. E, conforme foi transmitido até à nossa memória, a criação de decênviros sem sujeição ao direito de apelo para porem as leis por escrito, é prova bastante de que os restantes magistrados não estavam desobrigados do direito de apelo.

E uma lei consular de Lúcio Valério Poito e de Marco

Horácio Barbado, homens sabiamente populares pela

sua defesa da concórdia, determinou que não fosse criado nenhum magistrado sem sujeição ao direito de apelo²⁴⁶. E, de verdade, as leis Pórcias, que, como sabeis, são três, de três Pórcios, nada de novo trouxeram para além da sanção²⁴⁷.

2.55

Assim, uma vez aprovada aquela lei acerca do direito de apelo, de imediato Públicola mandou tirar as secures dos fascas²⁴⁸ e, no dia seguinte, propôs Espúrio Lucrécio (*sc.* Tricipitino) como seu colega e para ele mandou transferir os seus lictores, por este ser mais velho²⁴⁹. Deste modo, foi o primeiro a estabelecer que os lictores deviam caminhar à frente de cada um dos cônsules em meses alternados, para que não houvesse mais insígnias de poder num povo livre do que tinham existido num reino²⁵⁰. Este foi de facto, em meu entender, um homem nada medíocre, ele que, ao dar ao povo uma liberdade concedida, com mais facilidade manteve a autoridade dos cidadãos de primeira. E não é sem motivo que eu estou para aqui a contar-vos estas antigualhas e velharias. Estou a definir, com pessoas e tempos ilustres, exemplos de personalidades e de factos para os quais se orientará o meu restante discurso.

2.56

Portanto, nessa altura o senado manteve o Estado na seguinte situação: num povo livre, poucas coisas eram

geridas através do povo, a grande maioria era gerida pela autoridade e de acordo com as práticas e costumes do senado; e os cônsules detinham um poder somente anual, régio por sua própria natureza e por direito. Aquilo que era mais importante para garantir a influência dos mais nobres, isso era veementemente

mantido, a saber, as decisões dos seniores do povo

não eram ratificadas a não ser que a autoridade dos *patres* 'pais, senadores' as aprovasse²⁵¹. Por essa mesma altura, cerca de dez anos depois dos primeiros cônsules, também foi criado um ditador, Tio Lárício, e esse tipo de poder foi considerado novo e próximo de uma configuração régia²⁵². Todavia, tudo era governado por cidadãos de primeira, com a máxima autoridade, a consentimento do povo, e os grandes feitos da guerra eram nesses tempos praticados por homens fortíssimos, munidos de poder supremo, ditadores e cônsules²⁵³.

2.57

Mas, como pela própria natureza das coisas tinha de acontecer, o povo, libertado dos reis, reivindicou para si um pouco mais de direitos e conseguiu-os não muito tempo depois, cerca de dezasseis anos (*sc.* em 493), sendo cônsules Postúmio Comínio e Espúrio Cássio. Aí, a razão talvez tenha claudicado, mas muitas vezes a própria natureza dos acontecimentos políticos vence a razão. De facto, recordai-vos do que afirmei no início²⁵⁴; que, a não existir numa cidade esse equitativo balanço, seja de direitos, seja de obrigações, seja de cargos, de modo a haver bastante poder nas magistraturas, autoridade no conselho de cidadãos de primeira e liberdade no povo, não pode conservar-se inalterável a forma de constituição.

2.558 É que, encontrando-se a cidade agitada pela questão das dívidas, a plebe ocupou primeiramente o Monte Sagrado, depois o Aventino²⁵⁵. Ora nem sequer a disciplina de Licurgo conseguiu dotar-se dos freios necessários para Gregos. De facto, também em Esparta, no reinado de Teopompo, existem aqueles cinco a que chamam éforos: em Creta os dez, chamados *kasmai*²⁵⁶ e, tal como os tribunos da plebe contra o poder consular²⁵⁷, assim também estes foram criados contra uma força régia²⁵⁸.

2.559 Talvez os nossos antepassados pudessem ter encontrado algum plano de remedeio na questão das dívidas, plano que, não muito tempo antes, também não escapou ao Ateniense Sólon nem, algum tempo depois, ao nosso senado quando, por causa do capricho de um só, foram levantadas todas as sujeições de cidadãos e a partir daí deixou de haver sujeição por dívidas²⁵⁹. E sempre que a plebe, debilitada por uma calamidade pública, não podia pagar os seus encargos, para tal ónus foi procurado algum alívio ou medicina, para salvação de todos. Ora, tendo sido então negligenciada esta solução, surgiu o pretexto para o povo criar dois tribunos da plebe, por meio de uma sedição, para se diminuir a influência do senado e a sua autoridade. Todavia, esta permanecia pesada e grande, ao tutelarem a cidade, com as suas armas e o seu conselho, homens sapientíssimos e fortíssimos, cuja autoridade florescia ao máximo. É que, ultrapassando os outros de longe em honra, eram-lhes inferiores em entrega aos prazeres e quase não lhes eram superiores em riqueza. E a virtude de cada um era tanto mais gratificada²⁶⁰ no Estado, quanto mais,

a nível privado, com a máxima diligência ajudavam cada cidadão com a sua iniciativa, o seu conselho e a sua fortuna.

2.60 Nessa situação do Estado, um questor acusou Espúrio Cássio, que gozava do máximo agrado junto do povo, de manobrar para assumir a realzeza, e, tendo o próprio pai, conforme sabeis, declarado que descobrira que ele era culpado de tal acusação, condenou-o à morte, com o consentimento do povo²⁶¹. Também cerca de cinquenta e quatro anos após os primeiros cônsules (sc. em 454), nos comícios das centúrias, os cônsules Espúrio Tarpeio e Aulo Aténio propuseram uma lei acerca da multa e do juramento da caução que colheu agrado²⁶². E 20 anos depois, pelo facto de os censores Lúcio Papírio e Públio Pinário terem confiado a privados, em favor do domínio público, por multas aplicadas, grande número de rebanhos, por lei dos cônsules Gaio Júlio e Públio Papírio foi fixada uma avaliação baixa das cabeças de gado em caso de multa²⁶³.

2.61 Mas alguns anos antes, detendo o senado a autoridade máxima perante um povo resignado e obediente, foi concretizada a medida de os cônsules e os tribunos da plebe abdicarem das magistraturas e serem criados decêviro com poderes extraordinários e sem sujeição ao direito de apelo. Não só teriam um poder supremo como deveriam passar as leis a escrito. Tendo eles redigido, com a máxima equidade e prudência, dez tábuas de leis, para o ano seguinte fizessem nomear em sua substituição outros decêviro, cuja lealdade e justiça não mereceram louvor similar.

Todavia, deste colégio (*sc.* dos decênviros), subsiste aquele exímio louvor de Gaio Júlio, o qual afirmou ter sido desenterrado um cadáver, na sua presença, num quarto de Lúcio Séstio, um homem nobre. Apesar de deter um poder extraordinário por ser um dos decênviros sem sujeição ao direito de apelo, todavia ele fixou-lhe uma caução, por não aceitar que fosse negligenciada aquela preclara lei que vetava condenar à morte um cidadão romano, a não ser nos comícios das centúrias³⁶⁴.

E há um episódio bem conhecido e celebrado em inúmeros documentos literários: tendo um certo Décimo Virgínio tirado a vida à sua filha, ainda virgem, com as próprias mãos³⁶⁵, no Fórum, por causa da intemperança de um desses decênviros, e tendo ele procurado refúgio para a sua tristeza junto do exército, que então estava no Monte Aléjido, os soldados roçaram o teatro de guerra que tinham entre mãos, primeiro pelo Monte Sagrado, depois pelo Aventino, tal como tinha acontecido antes em situação semelhante³⁶⁷ *

2.62

[*Faltam quatro fólhos interiores do caderno XXIII.*]

* tendo sido nomeado ditador Lúcio Quíncio³⁶⁸. (*Sérvio, Virgílio, Geórgicas*, 3, 125).

(CIP/PIÃO):

* julgo que os nossos <antepassados> não só aprovaram como até mantiveram isso com toda a sabedoria.

Seguiu-se um terceiro ano de decênviros, em que os mesmos se mantiveram por não quererem indicar outros em sua substituição. Com esta forma de constituição, que já por várias vezes afirmei não poder ser duradoura por não ser equitativa para todas as ordens da cidade, todo o Estado estava nas mãos de cidadãos de primeira. Detinham o comando dez homens da mais alta nobreza, sem oposição dos tribunos da plebe, sem a existência de outros magistrados, sem se deixar ao povo o direito de apelo contra a condenação à morte e a castigos corporais.

Depois de Cipião dizer isto, todos esperavam em silêncio o resto do seu discurso. Foi o momento de intervir

2.64

TUBERÃO:

Já que aqui os mais velhos do que eu não te fazem nenhuma pergunta, vais ouvir da minha boca, ó Africano, o que eu esperava do teu discurso!

Exclamou CIP/PIÃO:

Muito bem! E com todo o gosto!

Então ele (TUBERÃO):

Parece-me que louvaste o nosso Estado, quando Lélito te questionou não sobre o nosso, mas sobre o Estado

ma caprichosa, cruel e gananciosa.

em geral. E, pelo teu discurso, também não fiquei a perceber com que disciplina, com que costumes ou leis podemos fundar ou então conservar esse mesmo Estado que louvas!

2.65 Atalho o AFRICANO:

Estou em crer, Tuberão, que rapidamente vamos ter uma oportunidade mais conveniente para dissertar acerca da fundação e da conservação das cidades. Quanto à melhor forma, a verdade é que eu julgava que tinha respondido de modo satisfatório à questão que Lélío propôs. De facto, primeiro expus, prontamente, os três tipos de constituição mais dignos de recomendação, bem como os perniciosos e totalmente contrários a esses três; e que nenhum deles era o melhor, isoladamente, pois a cada um deles se sobrepunha um que fosse comedidamente temperado com os três primeiros.

2.66

Quanto ao facto de ter usado o exemplo da nossa cidade, o objectivo não era definir a melhor forma (se de constituição) — isso podia ser feito sem um exemplo concreto²⁶⁹ —, mas fazer visualizar, <no> maior dos Estados e na própria realidade, como era aquilo que estava a ser apresentado por meio do raciocínio e do discurso²⁷⁰. Se, pelo contrário, se procura o próprio tipo, em si, da melhor forma, temos de usar o modelo da natureza, porque, quanto a este modelo de cidade e de povo, tu não²⁷¹ *

[Faltam aqui provavelmente os dois primeiros fólios do caderno XXIV]

2.67 (CIPiÃO):

* há muito <o> procuro e a ele anseio por chegar!

(LÉLIO):

Procuras, provavelmente, um homem prudente?

Logo ele (CIPiÃO):

Esse mesmo!

(LÉLIO):

Tens uma boa colecção nos que aqui estão presentes! Podes até começar por ti próprio!

Exclamou CIPiÃO:

Oxalá existissem em igual proporção em todo o senado! Pois prudente é aquele que, perante uma besta selvagem e enorme, como amiúde vimos em África, domina e conduz [tal besta] para onde quer e com uma ordem ou uma pancada ligeira, faz mudar de direcção uma tal fera.

(LÉLIO):

Eu bem sei! E até vi amiúde, quando era teu legado!

(CIPiÃO):

Ora esse Indiano ou esse Púnico dominam uma única besta e que é dócil e afeita aos costumes humanos. Mas aquela parte da alma que está escondida na alma humana, e que se chama razão, não é a uma <besta> única e fácil de submeter que tem de refrear e domar, se é que consegue fazê-lo, o que é muito raro! Com efeito, também tem de ser mantida em respeito essa feroz *

[Faltam 2 fólios interiores do caderno XXIV]

2.68

Que se alimenta de sangue, que de tal modo exulta com qualquer selvagem crueldade que a custo se sacia com terríveis carnificinas de homens. (*Nônio*, p. 300, 29).

A um indivíduo ávido e ardente e libidinoso e a chafundar em prazeres²⁷². (*Nônio*, p. 491, 16).

E a quarta é a ansiedade, propensa à aflição e lamuriante e sempre a atormentar-se a si própria. (*Nônio*, p. 72, 34).

Mas há angústias † quando são tocadas pela adversidade ou abatidas pela timidez e pela cobardia. (*Nônio*, p. 228, 18).

Tal como um auriga inepto, ele é derrubado do carro, é atropelado, é dilacerado, é desfeito. (*Nônio*, p. 292, 38; cf. *Santo Ambrósio, Sobre a Virgindade*, 3, 2, 1).

2.69

* possa dizer-se.

Então LÉLIO:

Estou já a ver o homem de quem estava à espera e a que obrigações e tarefas o destinasi

AFRICANO:

Praticamente a uma única, pois nesta única estão quase todas as outras: que nunca renuncie a instruir-se e a contemplar-se a si próprio, que convide os outros a imitá-lo, que, pelo esplendor da sua alma e da sua vida, se apresente como espelho para os seus concidadãos²⁷³. Ora, tal como a tocar lira e flauta, tal como no próprio canto e nas vozes se deve manter uma certa consonância

entre os diferentes sons, que nenhum ouvido apurado consegue suportar se for monocórdica ou dissonante — mas essa consonância torna-se afinada e congruente através da moderação de vozes muito diferentes—, assim também, entrecruzando as ordens sociais mais altas com as mais baixas e com as médias, como se fossem sons, numa mistura racional, uma cidade canta a uma

só voz, com o con<senso dos mais diferentes elementos. E o que pelos músicos é chamado harmonia no canto, isso numa cidade é concórdia, o mais apertado e o melhor vínculo de incolumidade em qualquer Estado. Mas ela de modo algum pode existir sem justiça>. (*Santo Agostinho, A Cidade de Deus*, 2,21).

[Faltam 11 fólios, ou seja os dois últimos fólhos do caderno XXIV e todo o caderno XXV e o fólho primeiro do caderno XXVI]

* com suavidade e brandura, não com violência e impetuosidade se deve inculcar a lealdade. (*Códice ms. nº 458, p. 82, da Biblioteca de Ossolinski, apud Bielowski, Fragmentos de Trogo Pompeu, p. XVII*).

E depois de (*Cipião*) dissertar com um pouco mais de abundância e desenvolvimento sobre quão útil seria a justiça para uma cidade e quão grande seria o prejuízo se faltasse, Filo, um dos que assistiam ao debate, interveio para propor que essa questão fosse tratada com mais profundidade e se falasse mais da justiça, pelo facto de já entre o vulgo ser corrente que não se podia reger um Estado sem injustiça. (*Santo Agostinho, ibidem*).

(FÍLO):

* que está cheio de justiça.

Então disse (CIPRIÃO):

Estou de acordo e vos declaro que de nada valerá o que até aqui julgamos ter dito acerca do Estado ou o que possamos avançar daqui para a frente, se não sair demonstrado não só que é falso que um Estado não pode se regido sem injustiça, mas ainda que é totalmente verdadeiro que um Estado de modo algum pode ser regido sem a máxima justiça. ~~Mas, se estes~~ Mas, se estes de acordo, por hoje basta! O resto — e ainda há muito para dizer —, guardemo-lo para amanhã!

Como todos concordaram, pôs-se fim, por aquele dia, ao debate.